

O MENSALÃO EM PEQUENAS FRASES

Gleice Antonia Moraes de Alcântara

RESUMO: Nosso estudo constitui-se numa pesquisa de Doutorado em andamento, na Linha de Pesquisa: Linguagem e Discurso. Na pesquisa temos como objetivo analisar as narrativas que são dadas a circular em pequenas frases na esfera midiática brasileira sobre o acontecimento discursivo Mensalão. Temos como hipótese apriorística que tal acontecimento ecoa/produz uma história do atual quadro político do país, através da produção, circulação e transformação de pequenas frases que não cessam de ser produzidas na contemporaneidade nos mais diversos suportes midiáticos. Neste texto temos como propósito apresentar os postulados conceituais que fundamentam nosso percurso teórico e analítico, a saber, a Análise do Discurso de base enunciativa e sua interface com a Comunicação, a partir das reflexões de Maingueneau (2007, 2008, 2010, 2014) e Krieg-Planque (2010, 2011).

Palavras- chave: Pequenas frases. Enunciação aforizante. Espaço Público. Mídia.

Résumé: Notre étude se constitue en une recherche de Doctorat en cours, inscrite sur le Domaine de Recherche: Langage et Discours. Dans la recherche nous avons comme objectif analyser les récits qui circulent en petites phrases dans la sphère médiatique brésilienne à propos de l'événement discursif *Mensalão*. Nous avons comme hypothèse aprioritique que tel événement retentit/produit une histoire de l'actuel cadre politique du pays, à travers la production, circulation et transformation de petites phrases qui ne cessent pas d'être produites dans la contemporanéité sur des supports médiatiques variés. Dans ce texte, nous proposons présenter les postulats conceptuels qui fondent notre parcours théorique et analytique, à savoir, l'Analyse du Discours de base énonciative et son interface avec la Communication, à partir des réflexions de Maingueneau (2007, 2008, 2010, 2014) et Krieg-Planque (2010, 2011).

Mots-clés: Petites phrases. Énonciation d'aphorisme. Espace Public. Média.

INTRODUÇÃO

Desde os anos de 1950-1960, nas sociedades democráticas europeias, o princípio da publicização por muito tempo foi garantido principalmente por meio das grandes mídias- imprensa, rádio e televisão; estes são os principais meios pelos quais os atores acedem ao espaço público... Nós queremos simplesmente dizer que essas foram e serão ainda, por algum tempo, o lugar central do compartilhamento das opiniões e decisões: elas são o lugar ao qual se deve chegar, de uma maneira ou de outra, para dar a maior publicização possível a uma fala ou a um conteúdo de fala (KRIEG-PLANQUE, 2010, p.115).

As produções incessantes de discursos políticos por meio de pequenas frases não param de ser produzidas e colocadas em circulação em diferentes suportes midiáticos, e com o advento da internet o “BUUM” dessas discursivizações passaram também por grandes transformações, de uma atividade a princípio artesanal, a uma verdadeira indústria do *big business*¹. Devido à proliferação alucinante dos discursos políticos, Courtine (2009) em suas análises na década de 80, observara as mutações do discurso político, o que deveu-se segundo ele ao desenvolvimento dos meios de comunicação audiovisuais. A reflexão sobre as novas discursividades implicavam modos de circulação, produção e de recepção que não podiam mais ser compreendidas exclusivamente a partir das palavras e das formas sintáticas, como proposta no projeto de base de Michel Pêcheux, em “Análise Automática do Discurso”, projeto esse que tinha como foco a materialidade linguística escrita. Desse modo, pode-se dizer que as pesquisas empreendidas por Courtine possibilitou a incorporação de outras materialidades -não verbais- ao arcabouço teórico e analítico da Análise do Discurso e por sua vez a abertura do próprio campo para análise de outros discursos.

Nessa imensa proliferação, produção, circulação e transformação de narrativas sobre os acontecimentos políticos, a mídia, especificamente a internet, exerce cada dia mais influência nas discussões que ocorrem no espaço social. A respeito dessa influência midiática contemporânea no que tange à circulação dos discursos, Maingueneau (2010) em uma pesquisa extensa da história da circulação do discurso pornográfico - o que podemos nos atrever a dizer que também pode ser dito dos discursos de uma forma geral- coloca que o livro através das obras literárias durante muitos séculos era o carro-chefe na circulação daqueles discursos, e hoje não são mais os livros que “dão o tom”, que ditam modelos, estereótipos de como se vestir, falar, comportar, ser... em uma sociedade, algo que ocorrera no domínio tradicional, a saber, impresso/grafosfera. No novo show business, o dispositivo midiático, aqui especificamente a internet, assume esse lugar de elaborar o que é importante para uma sociedade, e por consequência quais os ingredientes que devem agregar à produção e circulação do discurso. Nesse sentido, nota-se que a mídia, em particular, o espaço de discursivização na internet, por meio da publicização do discurso político, passa a gerenciar um acontecimento discursivo através da materialização dos textos, no processo de destaque de enunciados- as pequenas frases-, que faz circular. Ao proceder dessa forma, a mídia impõe a dado acontecimento discursivo gestos de interpretação que tendem ao sentido “único”/ “legítimo”, ou seja, com a materialização linguística e imagética por meio daquilo que quer destacar, oferece conforme Baronas (2013, p. 21) um percurso deôntico de interpretação a

certos acontecimentos históricos da política, passando, assim, a gerir e controlar os acontecimentos discursivos políticos, construindo relações de poder e saberes sobre a sociedade na forma como são organizados os discursos. A esse respeito Góis aponta,

Acreditamos que assim, como o discurso científico, o discurso midiático não é imparcial e não consegue reproduzir precisamente o real, mesmo que se declare, vez ou outra, meramente em transmitir – transparentemente- a verdade. Os discursos da mídia mostram-se também impregnados, como todo discurso, de equívoco e distorções. Uma vez que os discursos são suscetíveis a falhas e a equívocos, alguns saberes divulgados pela mídia irão ser legitimados como verdadeiros, enquanto outros não[...] a mídia é tratada como uma máquina que seleciona, copia, edita, regula os saberes para que se tornem verdadeiros e se integrem à “ordem do discurso (2007, p.78-79).

Na construção dessas relações, o campo midiático tenta “vender” um ethos de imparcialidade por sua vez, o sujeito entra em contato com um discurso ou um conjunto de discursos que por sua própria natureza não são neutros. O discurso, portanto, pode sugerir um modelo de mundo, uma maneira de perceber a realidade, uma determinada perspectiva sobre o tema tratado. No entanto, em decorrência do lugar social em que se inscreve, para poder organizar o seu discurso, a mídia por meio das práticas dos atores políticos e sociais por meio das diferentes formas de cristalização que seus discursos modelam e põem em circulação, deixa vestígios nas materialidades que produz das cargas ideológicas, características da formação discursiva (FD) e/ou formações discursivas (FDs) a que pertence, o que “desmascara” a imparcialidade sugerida. Opera-se assim, o equívoco, algo constitutivo da linguagem, “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro.” (PÊCHEUX, 2006, P. 52).

Posto isso, escolhemos a Análise de Discurso, doravante AD, como dispositivo teórico-metodológico para pensar o discurso, porque esta pensa a língua não como algo abstrato, homogêneo, mas, ao contrário, opaco e heterogêneo, sendo que sujeito e sentido não são preexistentes, todavia constituídos no e pelo discurso, um efeito, não a causa. Por meio das construções discursivas, homens passam a sujeitos, interpelados pelos fatores históricos e socioidológicos, tanto de seus tempos quanto de tempos alhures. Dito de outro modo, a produção enunciativa se estabelece conforme as condições propiciadas a esses sujeitos para enunciarem, bem como ao lugar que ocupam no interior de uma formação social, sendo então impelidos por uma determinada formação ideológica que os preestabelece em dizeres possíveis. Portanto, estes sujeitos que se inscrevem num dado discurso produzem os sentidos

e dizeres conforme a posição social ocupada, que, por sua vez, deriva de formações ideológicas, que, por seu turno, vêm de formações históricas.

O que queremos enunciar é que a mídia, como outras instituições sociais: escola, igreja, Estado etc., por meio da organização de seus discursos, exerce (des) mascaradamente mecanismos de controle dos sentidos, em que o “real/ verdadeiro” se constrói por intermédio dela, porém o discurso-outro é presença fundante da materialidade, e a AD, enquanto disciplina que pensa o equívoco como constitutivo da linguagem, nos permite compreender como funcionam os discursos, e por sua vez quais os gestos de leitura que estão sendo produzidos. Diante do exposto, cremos que o campo midiático é sem dúvida nenhuma, uma instância em que se instauram práticas de saber e poder, pois os sentidos dados a circular para determinado acontecimento discursivo deve ser absorvido pelos sujeitos como verdade. Logo, a interpretação é reorganizada conforme os critérios e aos padrões da FD midiática. Queremos, com isso, concordar com Krieg-Planque (2010) quando esta afirma que, na organização de seus discursos, através das pequenas frases, os jornalistas constroem o espaço público e nessa construção e (re) produção de simulacros há uma perpetuação de relações de poder e opinião, quando sustentam o ponto de vista dominante, legitimando um espaço de verdade, mesmo carregado de interpretações e significações diversas.

Feitas essas primeiras considerações sobre a configuração midiática e seu ritmo alucinante de colocar em circulação os acontecimentos discursivos na contemporaneidade, por meio de fórmulas, slogans, máximas, provérbios, e especificamente, por enunciações em pequenas frases, esse destacamento das enunciações por meio de pequenas frases que se constituem em importante ferramenta conceitual para pensar como a mídia eleva em um nível incalculável o destacamento e a circulação de pequenos enunciados, produzindo uma espécie de organização do espaço público, quando no processo de recorte do verbal e do imagético oferece uma espécie de percurso deôntico de interpretação a certos acontecimentos políticos. Diante dessa tendência midiática, de dar a ler os acontecimentos discursivos através da fragmentação, da brevidade, a questão que norteia nossa pesquisa é: as “Pequenas Frases”, fenômeno linguístico-discursivo que emerge incessantemente na contemporaneidade e que são postas a circular em diversas mídias, justamente pelo caráter pregnante e ideológico, em que medida essa circulação e invasão do espaço público, as pequenas frases postas em narrativas sobre o acontecimento discursivo mensalão contribuem para a configuração de um quadro político, dito de outra maneira, podemos pensar que elas organizam e participam de

relações de dominação que os discursos organizam, assim como as fórmulas, pelo prisma de Krieg-Planque, logo, elas podem desenhar/ fundar/ arquitetar um cenário político?

O ponto norteador deste trabalho – o discurso político em pequenas frases na mídia - que embasa tanto a problemática quanto os objetivos que ainda serão expostos em certa medida surgiu como uma espécie de desdobramento do que foi investigado durante o mestrado. Na pesquisa de mestrado, trabalhamos com o conceito de fórmula na perspectiva do discurso, a partir dos postulados teóricos e metodológicos de Krieg-Planque (2010), “Por fórmula, designamos um conjunto de formulações que, pelo fato de serem empregadas em um momento e em um espaço público dados, cristalizam questões políticas e sociais que essas expressões contribuem ao mesmo tempo, para construir. (KRIEG-PLANQUE, 2010, p.9)”.

Nosso objetivo foi analisar discursivamente os sentidos que foram dados a circular pela fórmula “desenvolvimento sustentável” no espaço discursivo jornalístico mato-grossense. Tivemos como questões de pesquisa analisar: quais sentidos que foram e estão sendo construídos sobre a fórmula “desenvolvimento sustentável” no espaço midiático a que lançamos nosso olhar teórico-analítico? Qual é o papel da mídia na circulação e cristalização da fórmula? Diante das discussões produzidas verificamos o papel da mídia na produção e circulação das fórmulas, e como a maquinaria midiática por meio de um “como” são organizados os discursos de diversos atores sociais, advindos de formações muito diferentes, seus discursos acabam por perpetuar relações de poder. Eis que surge outro fenômeno midiático contemporâneo que nos chama a atenção, fenômeno não tão recente, mas agora como uma espécie de regime/ ordem das discursividades midiáticas, a colocação em circulação de enunciados breves, as enunciações por pequenas frases, fenômeno que invade o espaço midiático e se impõe, conforme Maingueneau (2014) como assunto de conversas e debates, algo que também se dá com a fórmula discursiva.

Esses pontos a que nos referimos e que foram desenvolvidos no mestrado, de certa maneira retomam agora, no entanto, analisando outra categoria analítica. Enquanto lá vislumbramos a categoria de fórmula, aqui nosso olhar se lança para categoria analítica, a saber, as pequenas frases. O intento não é dizer se esses fenômenos são sinônimos, e sim compreender como se dá o funcionamento dessas enunciações, por pequenas frases, pelo processo de recorte, ou melhor, do destacamento dessas enunciações verbais e imagéticas pelos profissionais da mídia, e também perscrutar em que medida esse fenômeno linguístico-discursivo contribui para a configuração de um quadro político, dito de outra maneira, é pertinente pensar que as pequenas frases organizam e participam de relações de dominação

que os discursos organizam, assim como as fórmulas, pelo prisma de Krieg-Planque, logo, elas podem desenhar/ fundar/ arquitetar um cenário político?

Portanto, o projeto de pesquisa que ora propomos aborda uma temática que consideramos necessária para a produção de conhecimentos no campo da Análise do Discurso, já que essas novas discursivizações que podem ser tomadas como natural, sem grandes consequências para a percepção da realidade precisam ser encaradas em suas nuances discursivas.

Fundamentação teórica

Para o desenvolvimento teórico e metodológico, nossa pesquisa inscreve-se na teoria da Análise de Discurso (AD) de orientação francesa, dispositivo teórico que coloca em cena a interpretação para poder compreender o objeto simbólico produzindo sentidos por e para sujeitos.

No cenário brasileiro, a AD, nos últimos anos, vem despertando muita atenção e interesse no campo dos estudos linguísticos, principalmente por quem se interessa por questões discursivas. Objeto este que sempre causou inquietação a Michel Pêcheux, um dos fundadores e principais teóricos da epistemologia que ficou conhecida como Análise do Discurso. Conforme Maldidier (2003, p. 15): “O discurso me parece, em Michel Pêcheux, um verdadeiro nó. Não é jamais um objeto primeiro ou empírico. É o lugar teórico em que se intrincam literalmente todas suas grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito.”

Maldidier (2003) faz um percurso da AD contando a história da disciplina com o olhar de quem participou ativamente desse caminho. Para contá-la, traz aquele que é considerado o fundador do campo, Michel Pêcheux, relatando a entrada do filósofo na vida intelectual, seus encontros com grandes nomes como Althusser, Canguilhem, Paul Henry e Michel Plon, apresentando principalmente as fases pelas quais passou o teórico na constituição desse novo campo, fases estas assim descritas por Maldidier: O Tempo das Grandes Construções (1969-1975), Tentativas (1976-1979) e A Desconstrução Domesticada (1980-1983). Como sabido, a AD teve sua origem em solo francês, em 1969, momento em que o estruturalismo não mais vivia seu apogeu, e não apenas no campo da Linguística. Todavia, não se podia negar o conceito de cientificidade que fora creditada a esta teoria-metodologia. O modelo estruturalista primava pela objetividade, pela exequibilidade de dados comparativos e valorados num sistema linguístico, a partir de um recorte temporal. A Linguística, nos moldes estruturalistas, não se detinha ao que, para o “verdadeiro daquela época”, estava alheio à

língua enquanto um sistema de signos e sua significância por meio dos valores entre signos linguísticos. Para o estruturalismo a língua era convencionalidade, conforme aponta o Curso de Linguística Geral:

A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação... a língua constitui algo adquirido e convencional... (SAUSSURE, 1972, p.17).

Como se vê, a sistematização da língua excluía tudo que não fosse possível ser formalizado/objetivado. Os sujeitos, nesse paradigma científico, tornavam-se, no mais das vezes, escamoteado. Segundo Ferreira (2008, p. 02), o que importava era normalizar o sujeito, já que este era suscetível a perturbar a análise do objeto científico, subjetivando-o, a qual deveria corresponder a uma língua padronizada e em que a objetividade era a questão. Já Ferdinand de Saussure (1972) concebe a linguística como ciência da língua, subsumindo que todos os fatos da linguagem subordinam-se a ela. Postula ainda que a linguagem, massa amorfa, heteróclita e multifacetada, comporta duas partes que se implicam mutuamente, a saber: a língua (social) e a fala (individual), cabendo àquela a legitimidade para a construção da ciência da língua, pois: “Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade.” (SAUSSURE, 1972, p.22).

Conforme Baronas e Komesu:

A linguística saussuriana é mobilizada por Michel Pêcheux devido tanto (à) questão da autonomia relativa da linguagem, unanimemente reconhecida pelas demais Ciências Humanas na conjuntura estruturalista, como pelo fato de, nas Humanidades, a linguística ter operado de maneira decisiva, o corte epistemológico, isto é, o distanciamento necessário da ideologia que qualifica a cientificidade (2008, p. 12).

Percebe-se que, em nenhum momento, o propósito de Pêcheux foi desmerecer a teoria saussuriana, pois creditava a Saussure o ponto de origem da ciência linguística em suas bases modernas, servindo de base para seus trabalhos ao fornecer o modelo de análise da linguística para a teoria discursiva que ele iniciava, projeto que ficara conhecido por “Análise Automática do Discurso”, proposta em que a materialidade linguística era objeto preferencial de análise.

Nesse sentido, Maingueneau (1997) coloca que a AD navega em mares linguísticos, e como este campo de saber é importante para a consagração e legitimação de uma forte teoria de discurso, salientando, porém, que esse diálogo não deve restringir-se ao campo linguístico, haja vista que o discurso é um objeto que se constitui sócio-historicamente, em que o linguístico também corrobora para essa constituição marcando seus efeitos nos componentes históricos e ideológicos ao mesmo que é marcado por esses componentes também:

Optar pela linguística, de modo privilegiado, mas não exclusivo, consiste em pensar que os processos discursivos poderão ser apreendidos com maior eficácia, considerando os interesses próprios à AD... Uma vez afirmada a inscrição da AD no espaço linguístico, é conveniente questionar de que forma ela deve pensar sua relação com a linguística. Sobre este aspecto, a posição da AD parece delicada, já que, para retomar uma fórmula de J. J. Courtine, em AD “é preciso ser linguista e deixar de sê-lo ao mesmo tempo”. De fato, por um lado, a discursividade define “uma ordem própria, diversa da materialidade da língua” e, por outro lado, esta ordem se realiza na língua”. (MAINGUENEAU, 1997, p.17).

Ao articular o linguístico ao histórico e ao ideológico, Pêcheux empreende deslocamentos na proposta de Saussure, no entanto, o enunciado ainda é tomado exclusivamente na materialidade verbal, outras materialidades discursivas não eram até esse momento contempladas enquanto objetos de análise. Eis uma das diferenças centrais entre Pêcheux e Foucault, como aponta Gregolin (2012), a centralidade da análise na materialidade linguística. Enquanto aquele pensa o enunciado a partir de Saussure, Foucault problematiza um método pensado exclusivamente para o linguístico, visto que o enunciado em sua análise arqueológica não é de natureza exclusivamente linguística, e sim de natureza semiológica, logo o enunciado deve ser tomado como histórico; dito de outro modo, deve estar ligado não às especificidades temporais típicas do conhecimento histórico, mas às suas regras de formação, regras estas que estão para o verbal e o não verbal. No entanto, há de se dizer que Pêcheux no início dos anos 80, após o diálogo com o pensamento foucaultiano e também com os historiadores da Nova História, expande o horizonte de suas análises, isto é, incorpora aos seus estudos análises advindas de outras materialidades, as textualidades não verbais entram em cena.

Esses avanços no olhar de fazer AD, que a priori se restringia às interpretações do discurso político, limitado ainda ao linguístico - considerando que outros discursos foram postos na ordem de análises - se transformaram, e um dos precursores pode-se dizer dessa nova ordem é Courtine na década de 1980. Em suas análises Courtine (2009) observara as

mudanças do discurso político, na qual o verbal não poderia ser dissociado da imagem, do corpo, gestos, relacionando corpo e discurso, assim essas novas discursividades implicavam modos de circulação, produção e de recepção que não podiam mais ser compreendidas exclusivamente a partir de palavras e das formas sintáticas. Nesse momento, Courtine inicia uma profunda investigação de longa duração da História do Rosto, com o propósito de compreender a “ambivalência fundamental em torno da expressividade moderna: a injunção a expressar-se e o dever de controlar a expressão. Em diversas épocas e culturas, reitera-se a ideia de que o rosto fala, de que a face é no corpo”. (PIOVEZAN&SARGENTINI, 2009, p. 10).

Courtine (2013, p. 31-32) ao abordar a circulação contemporânea da palavra pública, retoma a fórmula de Marcel Mauss “fato social total”, que tem como premissa que nenhum aspecto deve ser negligenciado quando se quer realmente compreender o que está em jogo, posto que a fala pública enquanto fato social extremamente complexo em que estão imbricadas práticas de natureza diversa- verbo não pode ser dissociado do corpo e do gesto- logo, linguagem e imagem se articulam, sendo assim, uma análise de discurso nos moldes antigos não saberia operar. Avança dizendo que analisar discursos não se limitaria a caracterizar um corpus aos diferentes níveis de funcionamento linguístico, e sim descrever a maneira como se entrecruzam- memórias individuais e coletivas na materialidade do arquivo- regimes de práticas, séries de enunciados, redes de imagens. Em suas palavras, é nesse contexto, mutações das discursividades políticas dos anos 80, que nasce a ideia de uma semiologia histórica, histórica porque é realmente história, sem abandonar a problemática do signo, por isso conservar o termo semiologia, pois ao analisar as discursividades políticas da época, o autor encontrou as representações do rosto e da expressão desde o século XVI, digressão segundo ele que abriu caminho a um conjunto de antropologia histórica, que culminou para uma história do corpo, em que questões semiológicas se entrecruzam.

Maldidier (apud GREGOLIN, 2012) assevera que essa reviravolta teórico-metodológica foi sugerida pela leitura feita por Pêcheux de Certeau e Bakhtin. Nesse momento, Pêcheux propõe que a AD abandone a obsessão por textos escritos de grandes atores sociais e passe a incorporar produções ordinárias, de sujeitos no cotidiano, dito de outra maneira, do encontro com os historiadores da Nova História na década de 80 e com as propostas foucaultianas, decorre daí desdobramentos na teoria, levando Pêcheux a começar a problematizar as circulações cotidianas do sentido. Nessa nova configuração, a ideia de história também se modifica, a história passa a ser vista não como algo que é feito só por

grandes atores, e sim de que ela é agenciada no imbricamento entre grandes acontecimentos e os sujeitos no cotidiano.

Nesse processo de construção e reformulação no campo teórico da AD, novos canteiros de trabalhos se abrem para compreender esse nó, que é o discurso. Assim, inscrevendo-nos no arcabouço teórico-analítico da Análise do Discurso de linha francesa, de tendência enunciativa, que tem como objetivo principal, por um lado compreender porque certas palavras que circulam na mídia podem assumir a condição de palavras-acontecimento, a partir de uma formação interdiscursiva, carregando com elas toda uma memória interdiscursiva; e por outro lado, compreender como certos textos circulam: inteiros, em pedaços, em versos, em fórmulas – ambas conforme Baronas (2013, p. 33) – “buscam compreender em que medida essa circulação determina o que pode e deve ser (re) dito enquanto debate no espaço público”.

Nesta tendência, enunciativa, os trabalhos de Dominique Maingueneau e Alice Krieg-Planque norteiam nossa reflexão, que visa: compreender por que na sociedade há uma circulação abundante de textos curtos; e quais as consequências dessa circulação, ou seja, estamos diante de um fenômeno linguístico-discursivo que colabora para a legitimação de saberes e poderes que organizam/arquitetam o espaço público, por meio de um processo deôntico de interpretação?

O estudo das pequenas frases ainda é novo tanto na geografia francesa, quanto na brasileira, como aponta Bonácio (2013), o que nos possibilita afirmar a importância de estudos voltados à temática, uma vez que um número infinito de enunciados breves são postos a circular e sentidos como natural, não nos dando conta de quais as implicações políticas, históricas e ideológicas do fenômeno. Dominique Maingueneau (2010, 2014), tem se dedicado ao estudo de enunciados curtos - entre eles a pequena frase - que circulam inteiros ou fragmentados, em textos de tipos diversos como: provérbios, máximas, títulos de artigos da imprensa, pequenas frases, e destacam-se. Para ele, esses enunciados, ao qual conceituou como “enunciados destacados”, de acordo com seu destacamento, devem diferenciar-se em duas classes bem distintas: em “constitutivo” no caso das fórmulas (provérbios, slogans, divisas) ou resulta da “extração” de parte de um texto (citação). Ao enunciado destacado, Maingueneau propõe duas ordens discursivas de enunciação: 1. a “enunciação aforizante”, que por sua vez, subdivide-se em “enunciação aforizante destacada por natureza e enunciação aforizante destacada de um texto; 2. a “enunciação textualizante”.

Esse novo canteiro de pesquisa, as pequenas frases, conta ainda com Krieg-Planque (2011), pesquisadora que tem se dedicado ao fenômeno na mídia francesa contemporânea. Em dossiê “Les Petites Phrases en Politique”, obra que reúne Krieg-Planque e os pesquisadores Caroline Ollivier-Yaniv, Pierre Leroux, Philippe Riutort e Dominique Maingueneau, o editor coloca

construir as pequenas frases em objetos de estudo diz respeito/ refere-se a selecionar um lugar de observação e de questionamento das relações entre campo político e campo midiático em geral, e mais precisamente, das interdependências entre os atores políticos, os profissionais das mídias e os especialistas da comunicação política (Les Petites Phrases en Politique, 2011, p.03).

Sendo assim, tomar como objeto teórico e analítico os enunciados breves, por meio das pequenas frases, conceito que nasce, ou melhor, coproduzido por profissionais da mídia, especialistas em comunicação e atores políticos², faz-se pertinente dado o caráter linguístico-discursivo que caracteriza o objeto que, quando posto em circulação por meio de narrativas diversas, mostra-se polêmico, produzindo debates no espaço social, tal como fora produzido sobre o acontecimento discursivo Mensalão.

Referências Bibliográficas

BARONAS, R. L; KOMESU, F. (Orgs.) Homenagem a Michel Pêcheux: 25 anos de presença na análise do discurso. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008a.

BARONAS, R. L. Enunciação aforizante: um estudo discursivo sobre as pequenas frases na imprensa cotidiana brasileira. São Paulo: EDUFSCAR, 2013.

COURTINE. J.-J. Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos: São Carlos: EDUFSCar, 2009

FERREIRA, M.C.L. O quadro atual da Análise do Discurso no Brasil. (In) w3.ufsm.br/revistalettras/artigos.../revista27_3.pdf

GÓIS, M. L. S. De como a raposa encontrou a serra do sol: discurso, memória e identidade. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências e Letras, da Universidade Estadual Paulista- UNESP, Campus de Araraquara. SP. 2007.

GREGOLIN, M. R. e KOGAWA, J.(org.). Análise do discurso e semiologia: problematizações contemporâneas. São Paulo: Cultura Acadêmica Ed., 2012

KRIEG-PLANQUE, A. A noção de “fórmula” em análise do discurso – quadro teórico e metodológico. Trad. Salgado e Possenti. São Paulo: Parábola, 2010b.

MAINGUENEAU, D. O discurso pornográfico; tradução Marcos Marcionilo. SP.:Parábola Editorial, 2010.

_____. Frases sem texto; Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2014

SAUSSURE, F. de. Curso de Linguística Geral. São Paulo: Cultrix, 1972.